



## NOTA DE PESQUISA

O MÉTODO DO DIÁRIO: buscando a experiência de ser migrante

*DIARY METHOD: in search of experience of being a migrant*

*O MÉTODO DE DIARIO: la búsqueda de la experiencia de ser migrante*

Priscila Marchiori Dal Gallo

Bolsista IC/Unicamp, Núcleo de Estudos Populacionais.  
Universidade Estadual de Campinas.  
Rua João Pandiá Calógeras, 51. Cidade Universitária  
CEP: 13083-970 - Campinas, SP - Brasil  
E-mail: pmdg06@nepo.unicamp.br

### **Resumo**

Buscamos refletir sobre que significa a experiência de migrar e de ser migrante. Discutimos, num primeiro momento, a migração no âmbito da experiência, em sua dimensão existencial e espacial. Em seguida, assinalamos um caminho teórico-metodológico que permite alcançar estas dimensões no contexto de uma pesquisa geográfica. O caminho encontrado foi o método do Diário sobre o qual discorreremos apontando suas potencialidades para elucidar a experiência do migrante.

**Palavras-chave:** migração, experiência, metodologia, fenomenologia

### **Abstract**

We reflect on what it means the experience of being an immigrant and migrate. We discussed, at first, migration within the experience, in its existential dimension and spatial. After, pointed out a theoretical-methodological way that will achieve these dimensions within a geographic search. The patch found was the Diary method bout which we discourse pointing to its potential to elucidate the experience of the migrant.

**Key-words:** migration, experience, methodology, phenomenology

### **Resumen**

Reflexionamos sobre lo que significa la experiencia de migrar y ser un inmigrante. Hablamos, en primer lugar, la migración dentro de la experiencia, en su dimensión existencial y espacial. Entonces, señaló un camino teórico-metodológico que permitirá alcanzar estas dimensiones dentro de una búsqueda geográfica. El camino se encontró en el método del Diario sobre el cual hablamos apuntando su potencial para esclarecer la experiencia de los migrantes.

**Palabras-clave:** migración, experiencia, metodología, fenomenología



## **Que significa ser e estar no mundo como migrante?**

Que significa migrar? Nossa pesquisa partiu e tem se guiado por esse questionamento. Na busca por responder a essa questão, contudo, precisamos nos perguntar quais os caminhos teórico-metodológicos adotaremos e como eles nos ajudam a refletir sobre ela.

Entendemos que migrar consiste num processo que engloba e perpassa as diversas esferas da vida do indivíduo, se estendendo, portanto, para muito além das questões econômicas, longamente enfatizadas nos estudos sobre migração (em especial, os clássicos) (FUSCO, 2002). A compreensão desse processo envolve apreender um volume e complexidade de ações, motivações e interações que não se orientam por relações causais simples e diretas. Migrar significa adentrar, integrar e interiorizar um dado modo de vida, isto é, adotar dadas práticas (culturais e sociais), ritmos e rotinas diárias associadas (invariavelmente) a um dado contexto espacial, ou melhor, a um lugar.

A compreensão do processo migratório, portanto, envolve um entendimento da dimensão espacial da experiência. Buscamos alcançar essa dimensão pelo estudo do lugar, categoria que possibilita apreender a conjugação sujeito-lugar-experiência, nos revelando os reflexos mais imediatos (em microescala) na relação do indivíduo com seus lugares vividos (mundo da experiência), por meio dos quais podemos apreender as implicações do ato de migrar na vida dos sujeitos (MARANDOLA JR, 2008a).

Para isso é necessário buscar os significados das experiências da vida diárias dos indivíduos. Isso elucidaria a natureza dialógica da relação sujeito-lugar e nos conduziria à apreensão da dimensão existencial do ser-e-estar-no-mundo (BUTTIMER, 1982). Por meio da experiência nos aproximariamos da “compreensão do homem em seu mundo existencial” (ENTRIKIN, 1980 p, 14).

Posto isso, podemos reformular a questão inicial incorporando e esclarecendo o caminho adotado. Questionamos “que significa a experiência de migrar?” ou de “ser um migrante?”. O caminho que adotamos é o entendimento da migração, ou melhor, da experiência de ser migrante. Aqui surge mais uma pergunta guia: “que significa entender a migração a partir da experiência?”. A resposta passa pelo entendimento da



maneira singular como o sujeito migrante vive o mundo, ou a experiência de ser e estar no mundo (BUTTIMER, 1982) como migrante, como um ser migrante.

Essa busca depende da apreensão e compreensão dos vínculos existenciais sujeito-mundo, os quais derivam das ligações afetivas e identitárias estabelecidas entre os indivíduos e seus lugares. Essas ligações estão no cerne da construção e sustentação do modo de ser, pois se fundamentam na reciprocidade: o sujeito não pode existir ou ser sem seu universo referencial e cultural ao mesmo tempo em que esse universo não ganha existência sem seu centro-criativo, isto é, o indivíduo (BUTTIMER, 1982; ENTRIKIN, 1980; CASEY, 2001).

Pensar essas ligações nos remete à concepção de lugar: centro de significância construído pela vivência e experiência do espaço (RELPH, 1979; TUAN, 1975). Os lugares se configuram como uma base existencial, pois são neles em que se estabelecem relações mais imediatas por meio das quais os sujeitos edificam os pilares de seu ser: nosso mundo de coisas e nossas interações interpessoais. Nesse sentido para entender a migração a partir da experiência torna-se essencial a compreensão do processo estruturador-constutivo dos lugares dos migrantes.

Aqui nos deparamos com outras questões a serem consideradas e refletidas: “que significa deslocar-se de um mundo conhecido (de seus lugares), para um mundo desconhecido (de lugares alheios)?”. Como o movimento é uma das características centrais do deslocar-se e do ser migrante, também temos de nos perguntar: “como os indivíduos criam seus lugares num estado de inconstância e transitoriedade?”.

Essas perguntas mais amplas e gerais são as questões de fundo de nossa pesquisa (trabalho de conclusão de curso) sobre os migrantes no contexto do fluxo migratório estabelecido entre Brasil e o Japão. Nosso intento é compreender a experiência de ser migrante dos nikkeis no Japão, por meio da dimensão espacial-existencial dessa experiência.

Aqui cabe a pergunta “qual a melhor estratégia metodológica para buscar a experiência de ser migrante?” Procurando responder a essa questão trazemos, primeiramente, uma discussão sobre os pressupostos teóricos (redes sociais, multipertença, mobilidade e transnacionalidade) que levaram à busca da experiência migratória como o caminho para entendermos “que é migrar?” (pergunta base da



pesquisa). Posto isso, discutimos o método do Diário enquanto proposta metodológica, refletindo sobre suas potencialidades para a busca da experiência do ser migrante.

### **Ser migrante: hipermobilidade, multipertença e redes sociais**

“

Que significa deslocar-se de seu lugar?” Se nosso lugar é nossa base existencial, a relação de interdependência estabelecida entre ele e o sujeito é essencial para a continuidade de nosso ser. Deixar seu lugar, portanto, implicaria numa separação do sujeito de seu mundo de coisas e pessoas, isto é, do seu casulo protetor (GIDDENS, 2002), ou, indo além, daquilo que nos dá segurança existencial (MARANDOLA JR., 2008b). Essa separação teria a potencialidade e o efeito de provocar um estado de angústia, desconforto e insegurança, pois o deslocar-se causaria um distanciamento dos referenciais identitários e o afrouxamento da conectividade/receptividade sujeito-lugar, colocando o indivíduo em um estado momentâneo de suspensão (desenraizamento). O migrante torna-se o Outro, o estranho, o estrangeiro, isto é, vive o desencontro espacial, cultural, econômico e social (SANTOS, 2008). A disparidade entre o lugar (para o qual o migrante se desloca) e o modo de ser (do migrante) impede uma aproximação e envolvimento imediato sujeito-lugar (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010).

Pela necessidade de sair de seu estado de suspensão, os migrantes buscam recriar seus lugares e (re)estabelecer seus laços afetivos e identitários, buscando (re)afirmar seu modo de vida, ou melhor, seu modo de existência (ENTRIKIN, 1980), o que implica em uma (re)apropriação dos lugares. Em suma, os migrantes buscam (re)moldar os lugares de forma que eles se tornem acolhedores de suas práticas culturais e suas atividades diárias, as quais estão na base de seu modo de vida.

Os deslocamentos dos migrantes, dessa forma, não são processos neutros e inertes; repercutem no local de destino. Migrar não é um simples transitar entre lugares, mas transferir-se entre eles com todas as implicações que isso ocasiona (BALSAMO, 2007). A presença do migrante tem a potencialidade de engendrar a construção de uma rede social migrante.

As redes sociais podem ser entendidas como uma intermediação entre o migrante e o local de destino, no sentido de que esta fornece todos os aparatos (sociais, econômicos, culturais) que potencializam o sucesso da adaptação (FUSCO, 2006;



SOARES, 2004). Essas redes fornecem meios para que o indivíduo possa encontrar um emprego, um lugar para morar, o que diminuí os custos e riscos envolvidos no ato de migrar (ABAD, 2001). As redes sociais se fundamentam nas relações de amizade e parentesco, as quais fomentam a sociabilidade e um sentimento de pertencimento (CARLEIAL, 2004). Pertencer a elas garante a segurança do migrante em termos de assistência e ampliação dos recursos relacionais (PETRUS, 2005) e, sobretudo garante a segurança existencial do migrante (MARANDOLA JR., DAL GALLO, 2010).

Contudo, as redes sociais não se limitam em extensão e influência ao local de destino, elas o transcendem. O processo de construção dessas redes não ocorre isolado, ele se processa de maneira simultânea e integrativa entre origem e destino. Através delas os migrantes mantêm vínculos ativos com os não-migrantes, e são esses vínculos que alimentam em grande medida a edificação das redes e a animam (SOARES, 2002).

A presença dessas redes e a forma como elas operam remete às noções de multipertença, hipermobilidade e transnacionalismo. Essas noções estão estreitamente interligadas, o que permite olhar para a migração de ângulos complementares.

Podemos pensar as redes sociais como uma forma de multipertença. Os migrantes em suas redes preservam os laços afetivos e identitários sujeito-grupo e sujeito-lugar, pois embora eles estejam distantes fisicamente de seu lugar de origem existem diversos meios (telecomunicações e transporte) de permanecer em contato com seus familiares e com seus lugares (talvez em menor medida).

Essa presença ausente garante a manutenção dos laços de pertencimento prévios (mesmo que percam em algum grau sua intensidade) e o estabelecimento de interconexões entre origem-destino, isto é, uma multipertença (HAERBAERT, 2004). O contato origem-destino possibilita que o migrante continue estando presente (mesmo que não fisicamente) em seu lugar de origem e que os não-migrantes se tornem presentes no lugar de destino.

Essa conexão migrante-não-migrante-lugares de origem e destino é permeada pela ideia da hipermobilidade que é o desdobramento (1) da complexificação e desenvolvimento dos sistemas de transporte os quais têm sido cada vez mais utilizados em associação e (2) de uma intensificação do volume e diversificação dos indivíduos em movimento (URRY, 2007). A hipermobilidade, ao permitir a multipertença e a dupla presença, rompe com a linearidade e unilateralidade do movimento migratório. A



mobilidade se torna um processo com potencialidade de alicerçar uma ponte integrativa entre lugares, sustentando novas formas de vinculação origem-destino.

Posto isso, é importante pensar a migração não como um deslocamento permanente, mas como um processo cíclico que se retroalimenta pelas conexões ativas e preservadas. Essa visão é perpassada pela concepção do transnacionalismo, na qual os vínculos origem-destino (lugares geograficamente separados) permitem uma forma outra de inserção do migrante no local de destino que não se funde no desligamento do migrante do seu lugar de origem e na sua assimilação e aculturação (DUNN, 2008; NAGEL e STAEHELI, 2008; SINATTI, 2009).

A interconectividade transnacional permite aos migrantes preservar sua identidade, pois impede que esse se encontre em um estado de isolamento. A possibilidade do contato com os não-migrantes e com seus lugares de origem permite manter seus hábitos, costumes, valores, crenças, sua estrutura de pensamento e, sobretudo seus laços identitários (ALMEIDA, 2009). Nesse sentido, a interconectividade nutre e revigora rede de lugares construída no local de destino, na medida em que mantém em fina sintonia a identidade dos migrantes com a de seus lugares.

Dessa forma, para responder, portanto, a questão “que significa migrar?”, que iniciou o texto, é necessário o reconhecimento e entendimento da relação sujeito-mundo (que se afirma como vínculo estruturador dos lugares), a qual é perpassada pela dimensão existencial da experiência humana de ser-e-estar-no-mundo.

Para tanto, é essencial transpor a ideia do migrante como um objeto e a procura de pressupostos padrões de comportamento, resultantes de respostas diretas e imediatas a dadas forças que impelem, arrastam a tomada de decisões e escolhas do indivíduo. O migrante é um sujeito e como tal estabelece relações que não são lineares e facilmente explicadas por conexões causais. Essa redução não corrobora para que ele entenda e enfrente sua nova situação que engloba diferentes aspectos de sua vida (BUTTIMER, 1982). Migrar significa lidar com um emaranhado dinâmico de motivações e restrições de diversas ordens que se arranjam num leque de possibilidades. As escolhas, individuais e coletivas ativarão canais de interconexão contidos nesse leque cuja associação dá corpo e anima as redes migratórias.



O migrante, dessa forma, pode ser entendido como um sujeito que tem vivido no mundo de acordo com suas concepções e escolhas, as quais têm guiado a sua experiência migratória. Para compreendermos, “que significa migrar?” devemos compreender “que é ser migrante?” e para tanto precisamos imergir na experiência deste. Aqui nos cabe perguntar: “como alcançar essa experiência?”.

### **Caminhos da pesquisa: o Diário como método**

Para alcançarmos a experiência migrante é preciso que nos coloquemos no lugar daqueles que estão experienciando a migração (RELPH, 1979). Ou, em outras palavras, é preciso buscar o significado do que é ser migrante na experiência dos indivíduos, deixando que a natureza desse modo de ser e estar no mundo se revele (MARANDOLA JR., 2005) e possamos então não mais olhá-lo como um “de fora” para passar a olhá-lo como um “de dentro”, a fim de evitar o que Buttimer (1980, p. 171) chama de “*outsider’s trap*”, isto é, um olhar panorâmico e superficial sobre os sujeitos e lugares.

Em busca dessa imersão procuramos por metodologias qualitativas que nos revelem as experiências dos migrantes. Essa procura nos levou ao **método do Diário**, cujo uso não é muito difundido na Geografia, mas tem sido empregado amplamente em outras áreas como psicologia, saúde e história (METH, 2003).

O Diário traz o registro cotidiano das vivências e experiências de um indivíduo. É onde se tem liberdade de escrever suas reflexões, seus segredos e suas visões e posições diante dos acontecimentos. O método do Diário consiste na busca por parte do pesquisador desse registro espontâneo e natural sobre a vida diária. Para tanto ele solicita que seu informante mantenha um Diário de forma a obter as experiências vividas pelo indivíduo (BOLGER, DAVIS, RAFAELI, 2002).

A solicitação envolve explicações sobre (1) o porquê do interesse do pesquisador sobre os relatos, visto que o Diário é um texto pessoal, é importante que o sujeito entenda com que propósito eles vão ser usados e; (2) os aspectos do cotidiano cuja presença nos relatos o pesquisador considera indispensável (tendo em vista a problemática da pesquisa). Porém, deve-se ter o cuidado de não incitar uma circunscrição do conteúdo do Diário. Esses aspectos (pinçados como indispensáveis) não devem usurpar a possibilidade dos demais aspectos do cotidiano de aparecerem nos



relatos, restringindo-os a um fragmento da diversidade dos eventos vivenciados diariamente. A riqueza dos Diários está na diversidade e multiplicidade das experiências transmitidas.

O método do diário tem uma característica bastante particular: a dependência do pesquisador em relação à disposição e comprometimento do indivíduo em participar da pesquisa. O pesquisador tem um baixo controle sobre a produção e qualidade dos Diários, no sentido de que ele não conduz constantemente os relatos feitos como, por exemplo, numa entrevista (TOMS; DUFF, 2002). As intervenções e orientações do pesquisador não ocorrem durante todo o processo da escrita, uma vez que ele não está presente. O Diário é uma atividade que se realiza de forma mais independente e individual, o indivíduo é quem em grande medida decide sobre o conteúdo das entradas. O que não significa que as entradas sejam introspectivas, no sentido de serem herméticas. Os indivíduos de alguma forma estabelecem um diálogo com o pesquisador, buscando contar sobre aquilo que ele apontou como objeto de seu interesse e preocupação (JACELON; IMPERIO, 2005).

Por atribuir maior grau de autonomia aos participantes, o método do Diário pode ser empregado numa situação de pesquisa na qual a presença do pesquisador é dificultada; ou em que o período de estadia no local de pesquisa é insuficiente para uma inserção mais consistente nas rotinas e relações do grupo como observador participante ou entrevistador (SPOWART, 2008; METH, 2003). Nesse sentido, o método se mostra propício em situações de impossibilidade de viajar e/ou permanecer no local de pesquisa, mas, contudo, ser indispensável o acesso as experiências dos migrantes.

A solicitação dos Diários envolve também alguns cuidados com relação ao **período** para manter os registros. Pouco tempo resulta em relatos em que o indivíduo não se faz presente, não se expressa, porém um período longo causaria queda da qualidade dos relatos, por conta do tempo que precisa ser despendido para realizar os relatos (HYLDEGARD, 2006).

Transcrever e organizar as experiências de forma menos pontual leva algum tempo, pois o ganho de consciência sobre as atividades diárias, que torna a escrita do Diário uma **atividade reflexiva**, é gradual. Os primeiros registros tendem a serem relatos muito concisos. Apenas quando os indivíduos se fazem confortáveis com a prática de registrar suas experiências diárias é que passam a pensar e refletir sobre o





significado de suas ações e atividades (JACELON; IMPERIO, 2005). Relatar as atividades engendra um movimento de (re)conhecimento e questionamento sobre elas, pois os indivíduos não estão sendo balizados pelas instruções contínuas e diretas do pesquisador ou estão constrangidos pela sua presença. Isso dá espaço e tempo para o sujeito divagar sobre suas experiências antes de registrá-las (SPOWART, 2008).

Pode-se dizer que o Diário se torna uma forma de “libertar” as pessoas do que Buttimer (1980, p. 171) chama de *inserder's trap*: estado de desatenção em relação à realização das atividades diárias. O Diário, por suscitar a reflexão das pessoas sobre suas experiências, leva os indivíduos a refletirem sobre os sentidos e significados da sua vivência.

Dessa forma, por meio dos Diários buscamos entender o **como** e o **porquê** os indivíduos estabeleceram relações com seus lugares. Eles se tornam uma porta de entrada para os pensamentos, emoções, reflexões diante de dadas situações, encontros, apreciações, cotidianas, em outras palavras, “**a diary can be the voice and eyes of the participant**” (TOMS; DUFF, 2002 p. 1237 – grifo nosso). Essa abertura permite explorar as experiências vividas de modo a entender a forma como o indivíduo atribui significado (SPOWART, 2008) as suas ações e lugares. A possibilidade de acompanhar os relatos do cotidiano por um período potencializa as contribuições para o entendimento **de processos** decorrentes de ações, vivências e contatos que se estendem no tempo (METH, 2003), como é o caso da construção das redes sociais e estabelecimento de rotinas e interações interpessoais.

O método do Diário difere de outros métodos, pois ele não recorre ao resgate da memória do indivíduo, ele consiste em registros mais imediatos das experiências, o que reduz o tempo decorrido entre a ocasião em que o indivíduo vive e experiencia algo e o momento em que ele narra, discorre sobre o ocorrido (BOLGER; DAVIS; RAFAELI, 2002). Isso nos dá acesso às experiências e à percepção delas de forma mais direta, isto é, sem as remontagens, lapsos e sobreposições de sentido que podem ocorrer quando os eventos já fazem parte da memória. Um método permite o ingresso na experiência de forma mais direta se mostra ideal para alcançar nosso intento de acessar/alcançar a experiência de ser migrante tal como é vivida e significada.

Utilizar este método como estratégia metodológica permite alcançar detalhes dos lugares experienciados e vividos pelos migrantes. Nossa busca é pela dimensão



existencial da experiência dos migrantes, o que torna indispensável a presença de pormenores sobre seus lugares nos relatos. Posto isso, é essencial solicitarmos aos indivíduos que registrem em seus Diários os lugares que freqüentam revelando sua localização (onde fica, perto do que); a periodicidade do contato (interação) com eles (visitas diárias ou esporádicas); o grau de proximidade (seu significado e importância, laços afetivos estabelecidos, atribuição de função); sua paisagem e grau de familiaridade (descrição como é, semelhança ou não aos freqüentados no Brasil); e quem os freqüenta (parentes, amigos, desconhecidos).

Estes elementos permitem entender os processos de constituição dos lugares e redes sociais migrantes, revelando quais relações e mecanismos originam e dão continuidade a essas redes e territórios. Os relatos dos diários revelam os sentidos e significados vividos, elucidando o modo como o indivíduo se relaciona com o lugar de destino. “Quais as implicações e efeitos deste contexto sobre o sujeito?”. Os Diários permitem enfrentar esta questão ao abrir, de certa forma, a “caixa preta” da experiência individual, revelando a pluralidade de possibilidades de ser-e-estar-no-mundo como migrante.

### **Que, afinal, é ser migrante?**

Entendemos que a busca pela resposta a essa questão envolve perscrutar as diferentes esferas da vida do indivíduo, pois ser e estar no mundo como migrante envolve uma reconstrução de seu mundo de coisas e relações que se estendem e abrangem os aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos de seu cotidiano, de sua vida. Compreender “o que é ser migrante?” é apreender como é viver e perceber o mundo como migrante, que significa imergir no mundo do migrante, entendendo todas as implicações e significações que originar e existir com esse mundo representa. Para tanto é essencial a compreensão da forma específica como os indivíduos se inserem num mundo marcado pela mobilidade, flexibilização, transitoriedade e multipertencimento, isto é, compreender a forma como essas marcas são experienciadas e quais os desdobramentos dessa. Alcançar o ser migrante é apreender uma forma particular/específica de se relacionar com o mundo.

## Referências

ALMEIDA, Maria G. de. Diáspora: viver entre-territórios. E entre-culturas? In: SAQUET, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**: São Paulo: Expressão Popular, 2009.

ABAD, Rocío G. El papel de las redes migratorias en las migraciones a corta e media distancia. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, n. 94 (11), 2001.

BALSAMO, Pilar U. Migrações entre a Costa do Marfim e a Venezuela. Local, global e transnacional através da perspectiva etnográfica. In: Denise Fagundes Jardim. (Org.). **Cartografias da Imigração: Interculturalidade e Políticas Públicas**. Porto alegre: UFRGS editora, 2007.

BOLGER, Niall; DAVIS, Angelina; RAFAELI, Eshkol. Diary Methods: Capturing Life as it is Lived. **Annual Review of Psychology**, v. 54, n. 1, p. 579-616, 2003.

BUTTNER, Anne. Home, reach, and the sense of place. In: BUTTNER, Anne e SEAMON, David (eds.) **The human experience of space and place**. London: Croom Helm, 1980.

\_\_\_\_\_. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CASEY, Edward. Between Geography and Philosophy: what does it mean to be in the place-world? **Annals of the Association of American Geographers**, v.91, n.4, 2001. p.683-693.

CARLEIAL, Adelita. Redes sociais entre imigrantes. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14, Caxambu, 2004. **Anais**, Campinas, 2004.

DUNN, Kevin. Guest Editorial-Comparative Analyses of transnationalism: a geographic contribution to the field. **Australian Geographer**, v.39, n.1, p1-7, 2008.

ENTRIKIN, J. Nicholas. O humanismo contemporâneo em Geografia. **Boletim Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.

FUSCO, W. . Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares. **Textos NEPO (UNICAMP)**, Campinas, v. 40, p. 1-96, 2002.

\_\_\_\_\_. Conexão Origem-Destino: migrantes brasileiros no exterior. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15, 2006, Caxambu. **Anais**, Campinas, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “Fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HYLDEGARD, Jette. Using diaries in group based information behavior research: a methodological study. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON INFORMATION IN CONTEXT, 1, Copenhagen, 2006.

JACELON, Cynthia S.; IMPERIO, Kristal. Participant Diaries as a Source of Data in Research With Older Adults. **Qualitative Health Research**, v. 15, n. 7, p. 991-997, 2005.

MARANDOLA JR., Eduardo. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, Goiânia, v. 2, n. 25, p. 67-79, 2005.

\_\_\_\_\_. **Habitar em Risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008a. 278f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

\_\_\_\_\_. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.18, n.29, p.39-58, 2008b.

MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila M. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 2010. [aceito para publicação]

METH, Paula. Entries and omissions: using solicited diaries in geographical research. **Area**, v. 35, n.2, p. 195-205, 2003.

NAGEL, Caroline R.; ATAEHELI, Lynn A. Integration and the negotiation of ‘here’ and ‘there’: the case of British Arab activists. **Social & Cultural Geography**, v. 9, n. 4, June 2008.

PETRUS, Regina. Jovens migrantes angolanos no Rio de Janeiro: redes sociais, identidade, segregação e estigma. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir P. (orgs.) **Cruzando fronteiras disciplinares**: um panorama dos estudos migratórios, Rio de Janeiro: Revan, 2005.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p.1-25, 1979.

SANTOS, Rosselvelt J. (Re)ocupação do cerrado: novas gentes, outras identidades. In: ALMEIDA, Maria G. de; EGUIMAR, Felício C.; HELAINE, Costa Braga. (Orgs.).



**Geografia e Cultura:** os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: Vieira, 2008. p. 98-136.

SINATTI, Giulia. Home is Where the Heart Abides. Migration, Return and Housing in Dakar, Senegal. **Open House International**, special issue Home, Migration, and The City: Spatial Forms and Practices in a Globalising World, v. 34, n.3, p.49-56, 2009.

SOARES, Weber. Para além da Concepção Metafórica de Redes Sociais: fundamentos teóricos da circulação topológica da migração internacional. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002. **Anais**, Campinas, 2002.

\_\_\_\_\_. Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v.21, n.1, p.101-116, jan./jun. 2004.

SPOWART, Lucy. Snowboarding mums carve out fresh tracks: resisting traditional motherhood discourse? In: BIENNIAL ANZALS CONFERENCE, 8, Melbourne, 2008.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **Geographical Review**, v.65, n.2, p.151-165, 1975.

TOMS, Elaine G.; DUFF, Wendy. I Spent 1 1/2 Hours Sifting Through One Large Box. ...: Diaries as Information Behavior of the Archives User: Lessons Learned. **Journal of the American society for information science and technology**, Toronto, v. 53, n. 14, p. 1232–1238, 2002.

URRY, John. **Mobilities**. London: Polity, 2007.

Recebido para publicação em julho de 2010

Aprovado para publicação em agosto de 2010